



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **E O QUE VOCÊ TROUXE NA MALA? TRAJETÓRIA DE VIDA DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM TERESINA NA DÉCADA DE 1970**

Débora Silva Viana\*

1

Sabe-se que, de um modo geral, a migração é motivada por fatores sócio-econômicos. A carência de recursos, de trabalho, de alimento e de condições de vida, aliada a outros fatores, propicia a motivação para buscar, em outras terras aquilo que a terra natal não supre. Interessa-nos discutir a condição do migrante, sua história, sua riqueza de experiências, suas lutas, suas derrotas e vitórias; compreender a garra, a força e a coragem daqueles que realizaram a travessia das fronteiras, que reiniciaram suas vidas e profissões em outra cidade, não mais a de agricultor, mas a de construtor de sonhos, de cidades, operário da construção civil.

Ao migrarem para a cidade os homens e mulheres carregavam consigo malas, repleta não apenas de objetos materiais, concretos, mas seus sonhos e suas esperanças de uma vida melhor, desejos de realização, de felicidade: almejavam emprego, casa própria, escola para os filhos, hospitais para curar as feridas provocadas pelas mazelas, pela fome, pelo desamor de grandes proprietários de terras que os expulsavam. Trata-se de uma legião de desesperançados, que vislumbram no processo de modernização da capital uma oportunidade de inclusão.

---

\* Mestranda em História do Brasil-UFPI

Contudo, antes de analisarmos os fatores que promovem a migração encontrada na pesquisa hemereográfica, documental - fundação CEPRO - e apontados pelos entrevistados, é necessário realçarmos a contribuição dos estudos de Alistair Thomson (THOMSON, 2000) sobre a migração no pós-guerra entre Grã-Bretanha e Austrália por meio da história oral, para pensarmos a migração para além dos fatores estruturais. Embora as pressões econômicas frequentemente influenciem as decisões da migração, o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuem para a migração e para os processos de troca de informações e negociação no interior das famílias e das redes sociais. Por exemplo, as narrativas dos migrantes evocam os "imaginários culturais" sobre os futuros locais de destino e explicam como estes imaginários são produzidos, disseminados, recebidos e usados. Nas narrativas dos migrantes, as redes de sociabilidade e o "compadrio" (CANDIDO, 2001) são mostradas como um aspecto crucial no ato da experiência de migração.

Olavo Ivanhoé Bacelar de Brito e Gerson Portela Lima (BACELLAR, 1990), técnicos da Fundação CEPRO, realizaram estudos apontando o caudal do processo migratório, cuja função era compreender os fatores econômicos e sociais que impulsionaram o homem do campo com sua família a abandonar o meio rural e fincar moradia na cidade. Os pesquisadores partem do princípio de que a migração é reflexo de: fatores estruturais, econômicos, políticos e sociais.

Os fatores que promovem o êxodo rural do campo para cidade são variados. Segundo Olavo Ivanhoé de Brito Bacellar (BACELLAR, 1980) o que tem exercido maior influência é o atraso da agricultura familiar e de subsistência, não remunerada e sujeita às intempéries do clima e às irregularidades na distribuição das chuvas – períodos longos de estiagem, à concentração de grandes propriedades de terras nas mãos de uma pequena minoria – os latifundiários -, que impedem o direito à terra dos pequenos produtores, os obrigando a arrendar as terras de terceiro para o cultivo (Estatuto da Terra lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964).

Com essas medidas deixava de existir a figura do morador e do agregado que residiam na propriedade com suas pequenas lavouras de autoconsumo e ainda trabalhavam para o proprietário, ou mesmo para outros estabelecimentos, quando havia serviços. Assim, com todas estas mudanças grande parte dos pequenos agricultores

foram forçados a mudar-se para a cidade, conforme nos relatou o senhor Severino Cavalcante de 66 anos de idade, natural de Picos.

O motivo foi, num certo dia o patrão mandou chamar todo o povo que lá morava de favor, pra conversar. Ai ele disse, que ninguém podia mais morar lá, só ia ficar um caseiro e um trabalhador que ia trabalhar na plantação mais o trabalho ia ser feito com máquina por um único funcionário. E que as pessoas não poderiam ficar porque aquelas terras iam ser destinadas a criação de gado (SILVA, 2011).

O fraco desempenho do setor industrial, não pode absorver as populações liberadas da zona rural, acarretando com isso o problema do subemprego e do desemprego. Logo são exigidos dos homens e mulheres migrantes uma qualificação profissional e certo nível de escolaridade que não possuíam, impedindo-lhes o acesso ao meio profissional qualificado, sendo empurrados para profissões que não necessitavam de conhecimento técnico escolarizado, como a construção civil.

Os homens migrantes conseguiram adentrar com ‘facilidade’ ao mundo do trabalho da construção civil. Absorvidos pela necessidade de um grande número de trabalhadores para execução das obras desenvolvidas durante os governos do Engenheiro Alberto Tavares Silva e do médico Dirceu Mendes Arcoverde, e dos prefeitos Major Joel Ribeiro e do Professor Raimundo Wall Ferraz.

Agenor Martins (MARTINS, 2002, p. 182) mostra através de pesquisa documental realizado junto aos dados do FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística o quanto a População Economicamente Ativa - PEA – do setor secundário passou de 1%, no ano de 1940, para 4,3% no ano de 1970. Ao retirarmos deste setor apenas a PEA dos trabalhadores da construção civil no mesmo período, vamos perceber um elevado aumento de 14,6% para 55,6%.

A maioria desses migrantes não possuía nenhuma escolaridade, o que explica sua entrada fácil na construção civil, proporcionada pela dispensabilidade de nível escolar oficial, de diplomas ou mesmo de curso profissionalizante. A dispensabilidade de um saber sistematizado pela educação formal, não que dizer que não tenha nenhum conhecimento necessário para tal trabalho. Primeiro por que muitos desses migrantes construíram suas próprias casas nos seus locais de origem, ou mesmo quando chegaram a Teresina. E assim, mesmo sem um saber qualificado e formal, em termos

proporcionais o trabalhador já operava com noções de espaço, equilíbrio, que o fez ter algum conhecimento do trabalho na construção. Ademais, normalmente eles ingressavam - e ainda é assim em grande parte das obras - como serventes.

Bacellar (BACELLAR, 1980, p. 27) aponta que não apenas o atraso da agricultura expulsa o excedente populacional, mas, também, as verificadas tendências de modernização da agricultura estimulada pelo sistema de crédito voltado especialmente para o latifundiário, com o apoio das multinacionais, cuja industrialização está voltada para a mecanização e modernização do setor primário e, ainda, as mudanças nas relações de trabalho que vem ocorrendo no campo, constituem fatores para o mencionado fenômeno. Sobre a introdução de novos instrumentos na prática agrícola o senhor Feliciano nos falou que:

Somando a toda dificuldade: de ter terra para plantar, da necessidade da chuva, da esperteza do proprietário ao arrendar a terra, de não ser acesso ao crédito para comprar semente e adubos, de reunir a família pra trabalhar, da fé e esperança e que ao plantar vai nascer. Então pra complicar mais a nossa vida de trabalhador, de se arranjar trabalho de roça pra brocar, o dono da propriedade, o único na região que morava que tinha acesso ao crédito do governo, inventa de comprar máquinas. Segundo ele para aumentar a produção. Eram aquelas máquinas. Tem máquina de todo jeito, que planta que, colhe, e uma que ensaca. Elas - as máquinas - mudaram em tudo a nossa forma de plantar, já não é mais o gado que ara a terra é trator. Terminava de colher a produção, rapinho ensacava o dono mandava colocar em cima do caminhão Doge e ia vender na cidade. Acabou o tempo de que o transporte era feito na carroça. Foi o tempo também da forrageira Tufão. E nós homens ficamos sem trabalho. A gente não sabia dirigir e nem lidar com tanto botãozinho. Então o jeito foi procurara outro trabalho. Vi pra Teresina. Tinha muita obra sendo construída, então fui ser servente de pedreiro (FELICIANO, 2011).

Percebemos na fala do seu Feliciano que as transformações desejadas pelos tecnocratas do regime militar se deram via industrialização da agricultura e da pecuária, pois essas duas atividades além de “criar divisas imprescindíveis à expansão industrial, forneciam às indústrias diversos gêneros necessários para sua sobrevivência” (FIGUEREIDO, 1998, p. 32).

O homem do campo, sem condições de adquirir máquinas como a forrageira, o trator com arado e o caminhão Doge para fazer o traslado das mercadorias, sem apoio tecnológico para aumentar a sua produção por meio do crédito rural e para adquirir

instrumentos modernos para ampliar a produção, via-se obrigado a migrar para os centros mais urbanizados, como solução diante da falta de trabalho no campo, inchando ainda mais o setor secundário - construção civil - e terciário - com empregos informais - , pois a maioria dos trabalhadores rurais não possuía qualificação para exercer outra função.

Agregado, aos fatores já supracitados que promovem a migração, podemos citar as intempéries do clima, a irregularidade na distribuição das chuvas com longos períodos de estiagem. O ato de se retirar, de tornar-se um retirante, se dá em situação de urgência. A seca era a desolação da primeira fome, vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas. Dona Nonata, esposa do senhor Luíz, ferreiro-armador, 61 anos, nos narrou como sua família fez a travessia da fronteira da Paraíba para o Piauí.

“Como único recurso só nos resta arribar. Sem legumes, sem serviço, sem ter como plantar e criar os animais, sem água para beber e para os bichos, não podemos ficar aqui morrendo de fome, enquanto a seca durar. Podemos ir para o Amazonas ou pra qualquer outro lugar onde possamos plantar e trabalhar” - Foi isso que meu pai disse para minha mãe para mostrar que já não era possível permanecer ali, mas ela insistia e dizia assim: tenho certeza que são José não via falhar com a gente, já vi começar a chover até em abril, e depois o que vai ser da nossa casa, das nossas coisas, das nossas res. E começou a andar pela casa como se estivesse guardando na lembrança a imagem que veria pela última vez. Assim todos nós, eu, meus pais e meus irmãos – depois dessa conversar que meu pai teve com minha mãe para convencê-la a deixar tudo, o pouco que tínhamos que era nossa casa, para trás e seguir viagem em busca da vida, pois se fôssemos ali iríamos morrer. Depois chegamos a Teresina, e aqui como meu pai conseguiu logo trabalho, aqui mesmo ficamos. Ele trabalhando na construção civil, a mais velha das irmãs numa casa de família, o mais velho dos homens na CHESF e eu na Guadalajara (VIANA, 2012).

O fato narrado por dona Nonata a marcou muito, no momento em que nos narrava demonstrou muita sensibilidade ao contar a travessia da Paraíba até Teresina. Percebemos o quanto a seca enquanto crise fazia com que famílias inteiras deixassem o local de origem, a casa e o que lá foi vivido. O local da moradia se inscreve na história do sujeito como marca de pertencimento indelével, na medida em que ele é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana (MAYOL).

A recorrência na fala de alguns de nossos entrevistados sobre o elo afetivo que muitos deles mantêm até hoje, consciente ou inconscientemente, com essa primeira casa nos remete às relações que os indivíduos constroem com esse espaço, visto não só na perspectiva física, mas como um lugar de memória, carregado de lembranças e identidades. No estudo que faz sobre as imagens poéticas que construímos dos “espaços amados”, Gaston Bachelard faz referência à casa e às lembranças vinculadas a ela, as quais constituímos ao longo da vida.

A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...] Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. [...] Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando na nova casa retornam as lembranças das antigas moradas (BACHELARD, 1996,25-26).

Na obra “A poética do espaço”, Bachelard elabora um estudo fenomenológico da casa, no qual ele a considera um elemento privilegiado para a constituição da subjetividade, que ocorre ao mesmo tempo em que a objetividade do mundo se compõe para o homem. Assim as primeiras experiências vivenciadas por dona Maria Monteiro na sua casa ficaram concentradas em imagens mnemônicas, que se tornaram os pilares da estrutura psíquica.

Os imigrantes constroem socialmente representações sobre os diferentes lugares de destino, sobre as possibilidades de trabalho e sobre as vantagens que estes oferecem para homens e mulheres. Concebemos as representações como uma imagem mental que tem o indivíduo acerca de alguma coisa, evento, ação; processo que percebe de alguma maneira em um lugar. Estas representações se confundem, se solapam e entram em conflito entre si no momento em que chegaram ao local de destino (PEDONE, 2003).

Entende-se ainda que a cidade possa ser tanto a “real”, a concreta que pode ser visualizada por seus traços arquitetônicos e pelos espaços construídos e organizados em ruas avenidas, praças e edifícios, mas também a imaginada, sonhada, desejada, que fascina e atrai homens e mulheres (PESAVENTO, 2007).

O termo informação é uma variável chave para entendermos como a imagem da cidade é construída como lugar promissor. Tal processo é concebido por meio de redes, cujo grau de abrangência pode variar muito. Há redes circunscritas a círculos familiares, há outras mais extensas que perpassam o núcleo familiar e se estendem nas relações de compadrio e de amizade ou mesmo por identificação com o lugar de origem. Assim quanto mais próxima uma região que teve muitos casos de migração de outra, maior possibilidade de contagiá-la da febre migratória.

Embora as pressões econômicas influenciassem frequentemente as decisões da migração, o testemunho dos entrevistados revela o complexo entrelaçamento de variados fatores que contribuíram para a migração, tais como os processos de trocas de informações, e negociações no interior das famílias e das redes sociais.

Nesse trabalho entendemos a migração como um processo mediado pelas chamadas redes sociais. Estas são consideradas verdadeiras unidades de migração, uma vez que indivíduo e coletividade tomam suas decisões, planejam estratégias de movimento e travessia de fronteiras, encontram apoio em termos de moradia e trabalho, por meio do suporte obtido nessas teias de relações sociais.

É por meio das redes de sociabilidades, já que, depois de instalado na cidade, era comum o migrante influenciar os parentes, amigos e compadres a realizar o caminho migratório. O senhor Luíz, de 61 anos, ferreiro- armador, nos relatou por que deixou a sua terra natal e veio morar na cidade de Teresina, primeiro influenciado pela sua irmã e depois foi para São Paulo, quando o cunhado lhe enviou uma carta contando da existência de muitas oportunidades de trabalho e ótimos rendimentos no final do mês.

Primeiro eu sai de Altos para Teresina, a minha irmã mais velha já morava no bairro Vermelha, ali na baixa do Chicão, perto dali. Meu pai tinha morrido e já não dava pra trabalhar mais de roça, por falta de terra. As terras do meu pai tinham sido partilhadas entre os vinte um irmão e alguns venderam a sua parte. E de condições para plantar, a estiagem começa a castigar a terra. Então vim pra cidade e fui trabalhar na construção civil de servente, mas logo passei pra ferreiro. Depois as coisas em Teresina começaram a piorar, já estava casado, então sempre mantinha contato como meu compadre que morava em São Paulo. Pedia a ele que quando tivesse uma vaga na empresa que ele trabalhava que me chamasse. Foi ai que ele escreveu pra mim me informando. No outro dia embarquei. (VIANA, 2010).

No caso do senhor Luíz, as redes sociais de parentesco e de compadrio foram essenciais, orientando a migração e a inserção no ambiente de trabalho. O uso da rede social é a correntemente utilizada para se obter emprego. O grupo familiar, de parentesco e de amizade, em razão das relações de reciprocidade são os responsáveis pela interação do migrante na sociedade urbana, condicionando inclusive a carreira destes, uma vez que ela não é um processo independente da vida social mais ampla (DURHAN, 1984, P. 189).

A migração foi favorecida pela existência de rodovias interligando a capital aos diversos municípios, facilitando o fluxo migratório vindo de cidades de pequeno porte de áreas rurais, fazendo com que a cidade de Teresina passasse a deter, isoladamente, 40% do contingente urbano do Piauí, confirmando a tendência de polarização urbana e o peso esmagador da capital em relação aos demais municípios do Estado.

No governo de Emílio Garrastazu Médici fora implantado o Programa de Integração Nacional (PIN), composto por rodovias: radiais com ponto inicial em Brasília; longitudinais, no sentido Norte-Sul; transversais, no sentido Leste-Oeste; diagonais; e de ligação. Neste projeto o Governo Federal elaborou e colocou em execução um ambicioso planejamento rodoviário que objetivou integrar todo o território nacional, o investimento previsto no subsetor de transporte era de 9% do PIB.

O Programa de Integração Nacional (PIN) beneficiou o Piauí com a pavimentação de estradas estaduais e federais. Ao comparar a década de 1950 com os anos de 1964 a 1985 percebemos a grande quantidade de estradas financiadas pelo PIN. Em 1952 a rede rodoviária em tráfego no Piauí tinha apenas 6.623 Km de estradas, das quais 485 Km de estradas eram federais, 228 Km de estradas estaduais e 5.910 Km de estradas municipais, todas não pavimentadas. Somente doze anos depois, de 1964 a 1985, a extensão da rede geral mais que duplicou, passando para um total de 50.466 Km. Novamente a rede municipal foi a maior responsável pelo aumento, atingindo 43.415 Km, o crescimento significa uma média de 190,3 Km de novas estradas por ano. O crescimento foi motivado, sobretudo, por fontes específicas de recursos para investimentos, como por exemplo, o Fundo rodoviário Nacional (MENDES, 2003. p. 266).



O ato de migrar pressupõe o abandono do espaço social de origem, exigindo a busca por trabalho e moradia. O trabalho e a residência para os migrantes tem uma estreita relação de dependência mútua. Apesar de o trabalho ser a disposição central da migração, a questão da moradia não é de menor importância.

A segunda batalha era por um emprego. No período aqui estudado estavam sendo realizadas várias obras na cidade de Teresina, o que proporcionou a criação de grande número de postos de trabalho na construção civil. Dessa forma, devido à existência de vagas e ao baixo grau de instrução dos migrantes, a maioria era analfabeto, o canteiro de obras era o primeiro local a ser procurado pelos retirantes em busca de trabalho.

Em Teresina o crescimento da Construção Civil é tanto que, segundo noticiado pelo jornal *O Estado*, chega a faltar cimento na capital bem como mão-de-obra qualificada devido ao grande número de obras. A carência por trabalhadores foi tão grande que se fez necessário fazer uso de carros de som para tentar recrutar pessoal nos bairros da periferia; também foram utilizados as emissoras de rádio e os classificados de jornais<sup>1</sup>. A fim de resolver o problema, a Secretaria de Trabalho e Assistência Social promoveu cursos em regime de urgência para a formação de eletricitistas, bombeiros hidráulicos, carpinteiros e pedreiros.

Segundo Luiz Carlos Delorme Prado e Fabio Sá Earp (2010), a *alavancagem* da Construção Civil como maior empregador de mão-de-obra na década de 1970 se deu pelo aumento da demanda estatal por obras de infra-estrutura, bem como pela política de habitação implantada pelo governo e alimentada pelo Banco Nacional de Habitação, com recursos provenientes das cadernetas de poupanças indexadas e, sobretudo, pela poupança compulsória do FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviços.

Em consonância com Sérgio Azevedo (1982) percebemos que não foi exatamente a carência de moradia que suscitou a fundação do Banco Nacional de Habitação (BNH), o problema mais importante não era a casa, mas a abertura de oportunidades de emprego não só para absorver os trabalhadores semi-especializados,

---

<sup>1</sup> Durante a pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado do Piauí, Casa Anísio Brito, constatamos que nos jornais *O Estado* e *O Dia* eram comuns notícias de oferta de trabalho na construção civil, bem como treinamento dos candangos, que chegavam à capital, pelo SERSE para inserção no mundo do trabalho da construção civil.

mas também para mobilizar um sem número de escritórios de planejamento e dar trabalho às firmas e indústrias da construção civil. Foi também uma forma de mascarar os problemas do campo e estimular a mão-de-obra barata concentrada nas cidades, devido ao afluxo desorganizado provocado pela migração campo-cidade. Montados nessas bases o Banco Nacional de Habitação garantia sustentação social e política ao novo regime e ao seu modelo econômico.

Era inegável que o Brasil crescia, porém, estes benefícios não eram distribuídos equitativamente, a ponto de o Presidente Médici afirmar que *o "Brasil vai bem, mas o povo vai mal"* (PRADO, 2007, p.197). A frase acima denota bem a situação do trabalhador na década de 1970, mesmo trabalhando todos os dias o salário que ganhava dava mal para alimentar a sua família.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. LIMA, Gerson Portela: Causas e tendências do processo migratório piauiense. Teresina: Fundação CEPRO, 1990.

BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense. In: *Carta CEPRO*, Teresina, vol. 6,n. 1, p. 25-35, jan./jun. 1980.

\_\_\_\_\_. Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense. In: *Carta CEPRO*, Teresina, vol. 6,n. 1, p. 25-35, jan./jun. 1980.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins fontes, 1996. p. 25-26.

CANDIDO. Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984

FELICIANO, Francisco. *Entrevista concedida à Débora Silva Viana*. Teresina, mai. 2011.

FIGUEREIDO, Ana Cristina Camargo Moraes. O progresso chega ao fim do mundo. In: *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil*. (1954 – 1964). São Paulo: HUI TEC, 1998, p. 32.

MARTINS, Agenor de Sousa. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2002. p. 182.

MAYOL, Pierre. Habitação. In: CETEAU, M. de. *A invenção do cotidiano2: habitar e cozinhar*.

PEDONE, Claudia. “Tu siempre jalas a los tuyos”: cadenas e redes migratória de las familias eucotorianas hacia Espanã. Tese de Doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona: Baecelolna, 2003, p. 109-110.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. V. 27, n. 53, jan-jun. 2007, p. 11-23.

PRADO, Luiz Carlos Delorme. EARP, Fábio Sá. O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967 – 1973). In:

FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SILVA, Severeino Cavalcante. *Depoimento concedido à Débora Silva Viana*. Teresina, mar. 2011.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44. 2000. Pp. 341-364.

VIANA, Luíz Gomes. *Entrevista concedida à Débora Silva Viana*. Timon, jan. 2010.

VIANA. Raimunda Nonata Silva. *Entrevista concedida à Débora Silva Viana*. Timon, jan. 2012.